A LITERATURA NEGRA E AFRICANA COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

ELENICE NEVES ROMUALDO

RESUMO
O presente artigo discute a literatura negra e africana como importante ferramenta pedagógica na educação infantil, destacando sua contribuição para a construção de identidades positivas, para o fortalecimento da autoestima de crianças negras e para a promoção de uma educação antirracista. A partir de referenciais teóricos de autores como Kabengele Munanga, Nilma Lino Gomes, Eliane Cavalleiro e Paulo Freire, analisa-se como as narrativas africanas e afro-brasileiras contribuem para a valorização da diversidade cultural e para o enfrentamento do racismo estrutural presente no ambiente escolar. O estudo evidencia que a literatura infantil de matriz africana rompe com representações eurocêntricas historicamente cristalizadas, ao apresentar personagens negros em posições de protagonismo, inteligência, beleza e humanidade. Além disso, destaca-se o papel dessas obras no resgate da cultura africana e afro-brasileira, valorizando elementos como ancestralidade, oralidade, musicalidade e memória coletiva. A pesquisa também aborda a relevância da Lei nº 10.639/2003 na consolidação de práticas pedagógicas voltadas para as relações étnico-raciais e defende a inserção contínua da literatura negra e africana no cotidiano escolar como estratégia fundamental para a formação de sujeitos críticos, conscientes e comprometidos com a equidade racial e o respeito às diferenças.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura negra; Literatura africana; Educação infantil; Educação antirracista; Identidade racial; Diversidade cultural; Cultura afro-brasileira; Relações étnico-raciais.

INTRODUÇÃO

A literatura infantil desempenha papel fundamental na formação social, cultural e emocional das crianças, constituindo-se como importante instrumento de mediação entre o indivíduo e o mundo. Mais do que proporcionar entretenimento, as narrativas literárias contribuem para a construção de identidades, valores, afetividades e percepções acerca das diferenças culturais e sociais. Nesse contexto, a literatura negra e africana assume significativa relevância pedagógica, especialmente na educação infantil, ao promover representações positivas da população negra e ampliar o repertório cultural das crianças.

Historicamente, o sistema educacional brasileiro foi estruturado sob bases eurocêntricas que invisibilizaram ou distorceram a história e a cultura africana e afrobrasileira. Durante séculos, a África foi representada de maneira reducionista, frequentemente associada apenas à escravidão, à pobreza e ao atraso social. Essa construção discursiva contribuiu para a perpetuação do racismo estrutural e para a formação de imaginários sociais marcados pela inferiorização da população negra (MUNANGA, 2005). Nesse cenário, a literatura infantil de matriz africana emerge como estratégia pedagógica de resistência, valorização cultural e reconstrução identitária. Ao apresentar personagens negros em posições de protagonismo, inteligência, beleza e humanidade plena, essas obras rompem com estereótipos historicamente cristalizados e possibilitam novas formas de percepção sobre o continente africano e suas diásporas. Conforme afirma Nilma Lino Gomes (2012), a valorização da cultura negra na escola é essencial para a construção de práticas educativas antirracistas e para o reconhecimento da diversidade como elemento constitutivo da sociedade brasileira.

Além disso, a promulgação da Lei nº 10.639/2003 representou importante avanço nas políticas educacionais ao tornar obrigatório o ensino da história e cultura africana e afro-brasileira nas escolas. Tal legislação evidencia a necessidade de práticas pedagógicas comprometidas com a diversidade étnico-racial e reforça a importância da literatura negra e africana como recurso didático capaz de concretizar esses princípios no cotidiano escolar.

Dessa forma, este artigo busca discutir a literatura negra e africana como ferra-

menta pedagógica na educação infantil, analisando sua contribuição para o fortalecimento identitário, para o enfrentamento do racismo estrutural e para a construção de uma educação comprometida com a diversidade cultural e a equidade racial.

A LITERATURA NEGRA E AFRICANA NA CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES

A infância constitui etapa fundamental no processo de formação identitária, pois é nesse período que as crianças começam a construir percepções sobre si mesmas, sobre os outros e sobre o mundo social ao qual pertencem. Desde os primeiros anos de vida, elas observam comportamentos, assimilam valores, reproduzem discursos e internalizam padrões sociais presentes nos diferentes espaços de convivência, especialmente na família, na escola, na mídia e nas experiências culturais. Dessa forma, as referências simbólicas oferecidas durante a infância exercem profunda influência na constituição da autoestima, da noção de pertencimento e das formas de interação social.

No ambiente escolar, essas construções tornam-se ainda mais significativas, uma vez que a escola representa um dos primeiros espaços de socialização coletiva da criança. Os livros infantis, as brincadeiras, os materiais didáticos, as músicas, as imagens e as práticas pedagógicas comunicam, ainda que de forma implícita, quais sujeitos são valorizados socialmente e quais ocupam posições de invisibilidade ou inferiorização. Quando a criança encontra personagens que se parecem com ela ocupando lugares de protagonismo, inteligência, beleza e humanidade, tende a desenvolver sentimentos positivos sobre sua identidade. Em contrapartida, a ausência de representatividade ou a presença de estereótipos negativos pode provocar sentimentos de rejeição, inadequação e baixa autoestima.

Segundo Eliane Cavalleiro (2001), o racismo na educação infantil manifesta-se muitas vezes de maneira silenciosa, por meio de práticas aparentemente naturais que reproduzem desigualdades raciais e reforçam hierarquias sociais. Crianças negras, frequentemente, crescem em ambientes onde os referenciais de beleza, sucesso e reconhecimento estão associados à branquitude, enquanto suas características físicas e culturais são invisibilizadas ou desvalorizadas. Esse processo impacta diretamente a construção subjetiva da criança negra, afetando sua autoconfiança e seu sentimento de pertencimento social.

Nesse contexto, a literatura negra e africana assume papel pedagógico essencial, pois possibilita a ampliação das referências culturais e identitárias presentes no cotidiano escolar. Ao apresentar personagens negros como protagonistas de suas histórias, valorizando suas ancestralidades, culturas, estéticas e modos de existência, essas narrativas contribuem para a construção de identidades positivas e para o fortalecimento da autoestima infantil. Além disso, promovem o reconhecimento da diversidade étnico-racial como elemento constitutivo da sociedade brasileira.

Nilma Lino Gomes (2012) afirma que educar para as relações étnico-raciais significa reconhecer as diferenças não como fatores de desigualdade, mas como expressões legítimas da pluralidade humana. Assim, a presença de obras literárias negras e africanas na educação infantil não beneficia apenas crianças negras, mas todas as crianças, ao favorecer experiências educativas pautadas no respeito, na empatia e na convivência democrática. Por meio dessas narrativas, torna-se possível desconstruir preconceitos historicamente cristalizados e promover uma educação comprometida com a equidade racial e a valorização da diversidade cultural.

Durante muito tempo, a literatura infantil brasileira reproduziu padrões eurocêntricos, priorizando personagens brancos como modelos universais de beleza, inteligência e heroísmo. Em contrapartida, personagens negros frequentemente apareciam em posições subalternizadas, caricaturais ou sequer eram representados. Segundo Cavalleiro (2001), essa ausência de referências positivas contribui para o fortalecimento do racismo no ambiente escolar e para a internalização de sentimentos de inferioridade por crianças negras.

Nesse sentido, a literatura negra e africana desempenha papel essencial ao oferecer representações positivas da negritude. Ao retratar reis, rainhas, guerreiras, sábios, crianças negras felizes e

protagonistas de suas próprias histórias, essas narrativas possibilitam que crianças negras se reconheçam de maneira digna e valorizada. Tal processo fortalece a autoestima e contribui para a construção de identidades pautadas no orgulho racial e na ancestralidade.

Kabengele Munanga (2005) destaca que a valorização das matrizes africanas é indispensável para romper com o imaginário colonial que historicamente inferiorizou os povos africanos. Assim, a literatura torna-se instrumento de resistência simbólica, resgatando histórias apagadas pelo colonialismo e reconstruindo memórias coletivas.

Ao mesmo tempo, crianças não negras também são beneficiadas por essas narrativas, pois passam a compreender a diversidade étnico-racial de forma mais ampla e humanizada. A convivência com diferentes culturas, tradições e perspectivas contribui para a formação de sujeitos mais empáticos, críticos e respeitosos diante das diferenças.

O RESGATE DA CULTURA AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA

A literatura infantil de matriz africana possui importante função cultural, histórica e pedagógica ao apresentar a diversidade do continente africano para além das representações estigmatizadas construídas ao longo da história colonial. Durante séculos, a África foi retratada de forma homogênea e reducionista nos currículos escolares, nos meios de comunicação e nas produções culturais ocidentais, frequentemente associada apenas à escravidão, à pobreza e ao atraso social. Essa visão eurocêntrica desconsiderou a complexidade histórica, política e cultural dos povos africanos, contribuindo para a perpetuação de estereótipos racistas e para a inferiorização simbólica das populações negras.

Nesse contexto, a literatura infantil afro-brasileira e africana surge como instrumento de resistência e reconstrução de memórias historicamente silenciadas. Muitas obras contemporâneas evidenciam a riqueza das civilizações africanas, destacando seus sistemas políticos, filosofias, religiosidades, produções artísticas, conhecimentos científicos e tradições orais. Ao abordar reinos e impérios como Mali, Congo, Benin, Etiópia e Gana, essas narrativas demonstram que o continente africano possui uma trajetória histórica marcada por organização social, produção intelectual e diversidade cultural muito anteriores ao processo de colonização europeia.

O escritor moçambicano Mia Couto ressalta a importância de reconhecer as múltiplas Áfricas invisibilizadas pelo olhar colonial ao afirmar que "a África não é um continente pobre, mas um continente empobrecido". A reflexão do autor evidencia como os processos coloniais produziram narrativas de inferiorização que ainda influenciam o imaginário social contemporâneo. Nesse sentido, a literatura infantil desempenha papel fundamental ao reconstruir representações positivas sobre o continente africano e suas diásporas.

Além disso, essas obras valorizam aspectos centrais das culturas africanas e afrobrasileiras, como a ancestralidade, a coletividade, a musicalidade, a oralidade e a relação espiritual com a natureza. Conforme afirma Hampâté Bâ (2010), "na África, quando um velho morre, é uma biblioteca que se queima", destacando o valor da oralidade como forma de preservação dos saberes ancestrais. Contos, provérbios, mitos, lendas e cantigas ocupam papel essencial nesse processo, transmitindo conhecimentos, valores éticos e memórias coletivas entre as gerações.

Na educação infantil, a presença dessas narrativas possibilita experiências pedagógicas mais sensíveis, plurais e inclusivas. A contação de histórias transformasse em espaço de encantamento, imaginação e construção coletiva de sentidos, permitindo que as crianças entrem em contato com diferentes formas de viver, pensar e compreender o mundo. Elementos como os orixás, os griôs, os tambores, as danças, os tecidos africanos e as cantigas populares enriquecem as práticas pedagógicas e ampliam o repertório cultural infantil.

A escritora brasileira Conceição Evaristo enfatiza o poder transformador das narrativas negras ao afirmar que "eles combinaram de nos matar, mas nós combinamos de não morrer". A frase simboliza a resistência histórica da população negra frente aos processos de apagamento cultural e exclusão social. Nesse sentido, a literatura negra e africana atua como ferramenta de reexistência, valorizando

memórias, identidades e saberes historicamente marginalizados.
Além do aspecto cultural, o resgate da cultura africana e afro-brasileira por meio da literatura infantil contribui diretamente para o enfrentamento do racismo estrutural. Ao apresentar personagens negros em posições de protagonismo, sabedoria, coragem e beleza, essas obras rompem com imaginários coloniais que historicamente associaram a população negra à subalternidade.
Segundo Kabengele Munanga (2005), a valorização das matrizes africanas é fundamental para superar os efeitos do racismo na sociedade brasileira, uma vez que o preconceito racial também se sustenta pela negação da história e da humanidade dos povos africanos.
Do mesmo modo, o educador brasileiro Paulo Freire contribui para essa reflexão ao afirmar que "a educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo".
A partir dessa perspectiva, a inserção da literatura africana e afro-brasileira no cotidiano escolar constitui importante prática educativa de transformação social, pois possibilita a formação de sujeitos críticos, conscientes e comprometidos com a valorização da diversidade cultural e com o combate às desigualdades raciais.
Assim, o resgate da cultura africana e afro-brasileira por meio da literatura infantil ultrapassa a dimensão estética e recreativa, assumindo papel político, pedagógico e identitário. Mais do que cumprir exigências curriculares previstas pela
Lei nº 10.639/2003, trata-se de promover uma educação antirracista, democrática e humanizadora, capaz de reconhecer as contribuições africanas na formação da sociedade brasileira e de construir relações sociais mais justas e igualitárias. Ao abordar impérios como Mali, Gana, Congo e Etiópia, essas narrativas rompem com a ideia homogênea de África construída pelo imaginário colonial. Conforme aponta Hampâté Bâ (2010), a tradição oral africana constitui verdadeiro patrimônio civilizatório, responsável pela preservação de conhecimentos, valores e memórias ancestrais.
A oralidade, inclusive, ocupa lugar central na literatura africana e afro-brasileira. Contos, mitos, provérbios, cantigas e lendas carregam elementos de musicalidade, ancestralidade e coletividade que enriquecem as práticas pedagógicas na educação infantil. A contação de histórias torna-se, assim, experiência estética e afetiva que estimula a imaginação, a escuta sensível e a construção coletiva de sentidos.
Além disso, a presença dessas narrativas no cotidiano escolar contribui para desconstruir visões racistas historicamente reproduzidas pelos currículos tradicionais. Ao apresentar personagens africanos e afro-brasileiros em contextos de protagonismo, inteligência e humanidade, a literatura amplia horizontes culturais e possibilita uma educação mais plural e democrática.

LITERATURA E EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA
A escola ocupa papel central tanto na reprodução quanto no enfrentamento das desigualdades raciais presentes na sociedade. Sendo um dos principais espaços de socialização e formação humana, o ambiente escolar participa diretamente da construção de valores, identidades e percepções sociais das crianças. Em uma sociedade historicamente marcada pelo racismo estrutural, práticas pedagógicas antirracistas tornam-se fundamentais para promover relações sociais mais justas, democráticas e inclusivas.
O racismo estrutural manifesta-se não apenas em atitudes explícitas de discriminação, mas também na organização das instituições, dos currículos, das representações culturais e das práticas sociais que naturalizam privilégios e desigualdades. Segundo Silvio Almeida (2019), o racismo estrutural constitui um sistema que organiza as relações sociais, políticas e econômicas, produzindo desigualdades que atravessam o cotidiano das instituições, inclusive a escola. Nesse contexto, a ausência de representatividade negra nos materiais didáticos, a invisibilização das contribuições africanas e afro-brasileiras e a reprodução de estereótipos raciais reforçam processos históricos de exclusão.
A literatura negra e africana surge, portanto, como importante instrumento pedagógico de enfrentamento ao racismo, pois possibilita a construção de novas narrativas sobre a população negra e sobre a diversidade cultural brasileira. Ao apresentar personagens negros em

posições de protagonismo, inteligência, beleza e humanidade, essas obras rompem com representações estigmatizadas historicamente difundidas pela cultura eurocêntrica. Além disso, contribuem para que crianças negras desenvolvam autoestima positiva e sentimento de pertencimento, enquanto crianças não negras aprendem a conviver com a diversidade de maneira mais respeitosa e empática.

A educadora Nilma Lino Gomes (2012) afirma que educar para as relações étnico-raciais significa reconhecer as diferenças como parte constitutiva da sociedade e combater práticas discriminatórias presentes no cotidiano escolar. Para a autora, a educação antirracista exige não apenas a inclusão de conteúdos sobre a cultura africana e afro-brasileira, mas também a revisão crítica das práticas pedagógicas e dos discursos que sustentam desigualdades raciais.

Nesse sentido, a literatura infantil torna-se ferramenta potente na construção de uma educação comprometida com a diversidade e a equidade racial. Por meio das histórias, as crianças entram em contato com diferentes culturas, modos de vida, experiências e perspectivas de mundo. A leitura literária possibilita o desenvolvimento da sensibilidade, da empatia e da consciência crítica, contribuindo para a formação ética e social desde os primeiros anos da infância.

A escritora Bell Hooks defende que a educação deve ser prática de liberdade e transformação social. Segundo a autora, "a sala de aula continua sendo o espaço de possibilidade mais radical da academia" (HOOKS, 2013). Essa reflexão evidencia o potencial transformador da educação quando comprometida com práticas inclusivas, críticas e emancipatórias. No contexto da educação infantil, isso significa criar ambientes em que todas as crianças possam se reconhecer positivamente e ter suas identidades valorizadas.

Da mesma forma, Paulo Freire ressalta que a educação nunca é neutra, pois pode tanto reproduzir opressões quanto contribuir para sua superação. Para o autor, "ensinar exige o reconhecimento e a assunção da identidade cultural" (FREIRE, 1996). Assim, uma prática pedagógica antirracista pressupõe o reconhecimento das múltiplas identidades culturais presentes na escola e o compromisso com a valorização das histórias e saberes historicamente marginalizados.

A implementação da Lei nº 10.639/2003 representa importante marco na construção de políticas educacionais voltadas para a promoção da igualdade racial, ao tornar obrigatório o ensino da história e cultura africana e afro-brasileira nas escolas brasileiras. Contudo, sua efetivação ainda enfrenta desafios relacionados à formação docente, à ausência de materiais didáticos adequados e à permanência de práticas eurocêntricas no currículo escolar. Muitas vezes, a temática racial ainda é trabalhada apenas em datas comemorativas, de maneira superficial e descontextualizada.

Por isso, a presença contínua da literatura negra e africana no cotidiano escolar torna-se essencial para consolidar práticas educativas antirracistas. Mais do que abordar o racismo apenas em situações de conflito, é necessário construir experiências pedagógicas permanentes que valorizem a diversidade cultural e promovam o respeito às diferenças. A literatura permite que esse processo aconteça de forma sensível, afetiva e crítica, contribuindo para a formação de sujeitos conscientes e capazes de questionar desigualdades sociais.

A escritora brasileira Conceição Evaristo afirma que "a nossa escrevivência não pode ser lida como histórias para 'ninar os da casa-grande'". A frase evidencia o caráter político da produção literária negra, que busca romper silêncios históricos e afirmar a humanidade, a memória e a resistência da população negra. Inserida no contexto escolar, essa literatura contribui para descolonizar saberes e ampliar as possibilidades de representação e pertencimento das crianças.

Dessa maneira, a literatura negra e africana constitui importante ferramenta de educação antirracista ao promover o reconhecimento da pluralidade cultural, fortalecer identidades negras e estimular práticas pedagógicas comprometidas com a justiça social. Ao possibilitar o diálogo sobre diversidade, ancestralidade, respeito e igualdade, a literatura contribui para a construção de uma escola mais democrática, inclusiva e humanizadora. A literatura negra e africana constitui importante ferramenta nesse processo por possibilitar discussões sobre

preconceito, discriminação, respeito e diversidade desde os primeiros anos da infância. Segundo Gomes (2012), educar para as relações étnico-raciais significa reconhecer as diferenças como constitutivas da sociedade e combater práticas excludentes presentes no cotidiano escolar.

Ao trabalhar histórias que abordam experiências de resistência, ancestralidade e superação, o educador cria espaços de diálogo e reflexão sobre injustiças sociais e desigualdades raciais. Entretanto, é importante destacar que a simples presença dos livros não garante uma prática pedagógica antirracista. A mediação docente é indispensável para problematizar estereótipos, estimular questionamentos e promover leituras críticas das narrativas.

Nesse aspecto, a formação continuada dos professores torna-se essencial. Muitos educadores ainda enfrentam dificuldades para abordar questões raciais em sala de aula devido à ausência de preparo específico durante sua formação acadêmica. Assim, a implementação de práticas pedagógicas antirracistas requer investimento em formação docente, produção de materiais didáticos e revisão curricular.

A Lei nº 10.639/2003 surge como marco importante nesse processo ao estabelecer a obrigatoriedade do ensino da história e cultura africana e afro-brasileira. Contudo, sua efetivação ainda enfrenta desafios relacionados à resistência institucional, à escassez de recursos e à permanência de práticas eurocêntricas no ambiente escolar.

Dessa maneira, a literatura negra e africana apresenta-se como instrumento concreto de implementação da legislação, possibilitando que a temática racial seja trabalhada de maneira contínua e integrada ao currículo escolar, e não apenas em datas comemorativas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura negra e africana, especialmente no contexto da educação infantil, transcende a função estética e recreativa, assumindo importante papel pedagógico, político e formativo. Ao valorizar culturas africanas e afro-brasileiras, essas narrativas contribuem para o fortalecimento identitário das crianças negras, para a ampliação do repertório cultural de todas as crianças e para a construção de práticas educativas comprometidas com a diversidade e a equidade racial.

Ao romper com representações estereotipadas e resgatar histórias silenciadas pelo colonialismo, a literatura torna-se instrumento de resistência e transformação social. Além disso, promove o diálogo sobre respeito, justiça social, ancestralidade e convivência democrática, elementos fundamentais para a formação ética na infância.

Nesse sentido, a inserção da literatura negra e africana no cotidiano escolar representa importante estratégia de enfrentamento ao racismo estrutural e de construção de uma educação antirracista. Entretanto, para que esse processo se efetive de maneira significativa, é necessário que educadores, instituições escolares e políticas públicas assumam compromisso contínuo com práticas pedagógicas inclusivas e com a valorização da pluralidade cultural brasileira.

Portanto, compreender a literatura negra e africana como ferramenta pedagógica significa reconhecer seu potencial transformador na formação de sujeitos críticos, conscientes e capazes de construir relações sociais mais humanas, igualitárias e democráticas.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394/96 para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira". Diário Oficial da União, Brasília, 2003.

CAVALLEIRO, Eliane. Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil. São Paulo: Contexto, 2001.

GOMES, Nilma Lino. Educação, identidade negra e formação de professores. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

HAMPÂTÉ BÂ, Amadou. A tradição viva. In: KI-ZERBO, Joseph (Org.). História Geral da África I: metodologia e pré-história da África. Brasília: UNESCO, 2010.

MUNANGA, Kabengele. Superando o racismo na escola. Brasília: Ministério da Educação, 2005.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Educação das relações étnico-raciais no Brasil. São Paulo: Selo Negro, 2003.

SOUZA, Ana Lúcia Silva. Letramentos de reexistência: culturas e identidades no movimento hip-hop. São Paulo: Parábola, 2011.